

A representação da escrita de si em Simone de Beauvoir

172

Magda Guadalupe dos Santos¹

Resumo

Neste artigo se investigam pensamento e escritos de Simone de Beauvoir, especialmente, aqueles denominados como escritos memorialísticos, e sua relação com Movimentos sociais e políticos de Mulheres, a partir da *Segunda Onda Feminista*, buscando-se, sobretudo, o diálogo com os temas centrais de *O Segundo sexo*. Examina-se a relação entre memória e escrita e as experiências vividas, o ato de escrever correspondente à própria ação de viver; questionam-se os *efeitos*, tanto dos escritos de Memórias quanto dos ensaios filosóficos junto à pesquisa, inclusive no cenário ético e formativo brasileiro. Outrossim, procura-se verificar se os manuscritos autorais de Beauvoir encontram correspondência e justificação nos novos meios tecnológicos de pesquisa de escrita e se estes atendem às necessidades cognitivas e desiderativas do eu-narrador da escrita autobiográfica na atualidade. No presente artigo utiliza-se uma metodologia qualitativa e bibliográfica, com abordagem dedutiva e análises descritivas e explicativas.

Palavras-chave

Simone de Beauvoir; Escrita de si (*écriture de soi*); Representação; Memórias; Liberdade existencial.

Recebido em: 06.05.2026
Aprovado em: 30.05.2026

¹ Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG). Pesquisadora de Filosofia e Teorias Feministas. Doutora em Direito. Mestre em Filosofia (ambos os títulos pela UFMG). E-mail: magda.santos@uemg.br

e-ISSN:2674-905X SCIAS Edu., Com., Tec., Belo Horizonte, v.8, n.1, p. 172-199, jan./jun. 2026

The Representation of Self-Writing in Simone de Beauvoir

Abstract

This article investigates the thought and writings of Simone de Beauvoir, particularly her Memoirs and autobiographical writings, and their relationship to women's social and political movements from the *Second Wave feminist* movement onward. Special attention is given to the dialogue between these movements and the central themes of *The Second Sex*. The study examines the relationship between memory, writing, and lived experience, as well as the ways in which the act of writing is intertwined with the act of living. It also explores the impact of Beauvoir's memoirs and philosophical essays on scholarly research, including within the Brazilian ethical and educational context. Furthermore, it seeks to determine whether Beauvoir's original manuscripts find correspondence and justification in contemporary technological tools for writing research, and whether such tools meet the cognitive and motivational demands of the autobiographical self-narrator today. This article adopts a qualitative bibliographical methodology, employing a deductive approach alongside descriptive and explanatory analyses.

173

Keywords

Simone de Beauvoir; Self-Writing (*écriture de soi*); Representation; Memoirs; Existential Freedom.

Introdução

Os escritos de Simone de Beauvoir, em especial, aqueles denominados como escritos de Memórias, têm sido apurados de várias angulações, em bases existenciais. Tenta-se neste artigo uma interlocução entre a dimensão histórico-conceitual de seus escritos, o processo de recuperação do tempo pelos *gestos* da memória e o diálogo com os temas centrais de *O Segundo sexo*. Visa-se verificar, por meio de uma metodologia qualitativa e bibliográfica, por intermédio de análises descritivas e explicativas, se os manuscritos autorais encontram correspondência e satisfação nos novos modos de escrita, diante das novas tecnologias, conforme entendimento de Philippe Lejeune em suas *revisões sobre o pacto autobiográfico, de Rousseau a internet* (1975, 2008). Apesar da multiplicidade dos fios elucidativos versando sobre vida e obra, delimita-se neste artigo certa linha temática sobre os estudos beauvoirianos, linha esta revisitada de duas perspectivas de análise:

1. A relação entre memória e escrita, como tópicos de destaque de seu registro de situações da vida que motivam e fundamentam sua obra. A memória que fundamenta a escrita que, por sua vez, tenta reativar os fios de concatenação mnemônica das experiências vividas.
2. O impacto do escrito principal de sua vida intelectual, *O Segundo sexo*, publicado em 1949, chegando ao século XXI em diversas releituras interpretativas, nas quais também se tematiza a subjetividade das mulheres e os traços da memória histórica do século XX.

Na configuração discursiva destes dois tópicos, desenvolve-se uma gama de possibilidades de aferimentos. Leitoras mais jovens, interessadas em paradigmas discursivos mais contemporâneos, podem pensar tratar-se de uma figura e pensamento já muito explorados e criticados. Afinal, qual o sentido da escrita e vivência de uma mulher branca, europeia, burguesa, com privilégios de uma cultura da metade inicial do século XX, cujas obras, possivelmente possam estar em defasagem em relação a teorias mais atuais, pós-modernas, pós-estruturalistas, decoloniais, entre outras em cenário da cultura história e da educação no Brasil?

Além do que, Beauvoir tece toda a sua obra por meio de manuscritos, alguns dos quais foram por ela também datilografados (*tapuscrits*) e novamente

revistos, por meio de correções escritas à mão, como processo da composição textual; vários destes textos se encontram hoje na Biblioteca Nacional de Paris, na França. Está-se, pois, investigando uma filósofa, cujos manuscritos pertencem a um acervo de museu literário em sua função de defesa da memória formativa da cultura. Beauvoir não conheceu os progressos e manejos de ferramentas computacionais, destinadas a dar suporte ao agrupamento de ideias no processo de escrita. Contudo, a era da informática não deveria ser compreendida como o fim temporal dos rascunhos manuscritos, devendo antes ser vista como um ponto de progresso técnico de estudos de manuscritos literários e filosóficos, entre outros, conforme menciona Eliane Vasconcellos (2010, p. 23), à luz de estudos da própria construção autoral.

É bem neste sentido que se analisam as ideias de Simone de Beauvoir em função de seus escritos de *Memórias* e de *O Segundo sexo*, considerando a proximidade da escrita e a vivência mnemônica que reconhece e registra o tempo pretérito e o projeta na interlocução com as novas leituras da história. A *grande aventura de ser ela mesma* é o lema de ousar experimentar a liberdade de viver e poder narrar o que foi vivido e imaginado como possibilidades de vida. Tais ideias podem ser lidas ao longo de suas obras e nas releituras de comentadoras, tais como Valeria Pompejano (2010, p.16), para a qual, a escrita em Beauvoir é uma construção de si e a forma narrativa memorialística aliada às teses filosóficas reproduzem o dizer sobre si e sobre o mundo.

2. ESCRITOS E SEUS EFEITOS

Sob a cautela de olhar indagativo, procede-se à relação entre memória e escrita e os princípios básicos de *O Segundo sexo* seguindo dois aspectos metodológicos: o referencial epistemológico e os *efeitos* da escrita também como modo de vida.

Acerca das premissas epistemológicas

Há de se considerar que o pensamento filosófico, desde a Antiguidade grega, nunca se torna algo defasado em seus critérios rigorosos e argumentativos como pilares de um pensamento crítico. A ideia de *episteme* centra-se no rigor investigativo e nas exigências comprobatórias das assertivas, seja em termos lógicos ou morais. As obras de Simone de Beauvoir assentam-se, pois, em bases

epistemológicas, moduladas por um conjunto de fundamentos teóricos e filosóficos que sustentam a construção lógica e interpretativa dos conhecimentos ali dispostos. Tais fundamentos orientam a perspectiva de análise de seus objetos de estudo, a saber, o mundo a seu redor e a si mesma integrada no espaço social e histórico de meados do século XX, devendo ser, então, acolhidos em seus traços conceituais e interpretativos. A busca pela certeza e também pela incerteza de projeções históricas se faz registrar em seus estudos e escritos.

Cito como exemplo buscado em *O Segundo sexo*, como Beauvoir investiga, entre vários tópicos, a relação entre mito e racionalidade desde a Antiguidade. No que tange à seriedade dos suportes teóricos por ela mencionados, segundo Maria de Fátima Silva, da Universidade de Coimbra,

Ciência e filosofia, mito, literatura, religião e direito são os campos onde a autora francesa vai essencialmente colher os elementos que utiliza. A própria tendência para citar de cor, sem uma remissão, na maior parte dos casos, para textos concretos, é sem dúvida o testemunho de uma convivência estreita com essas fontes, que se citam com a segurança que dá uma proximidade permanente, com a certeza do eco que se encontra nos destinatários a quem a obra se dirige (Silva, 2010, p. 86).

Ademais, escreve ainda Silva, o que parece interessar a Beauvoir, “na sua diversidade e policromia” de um vasto “conjunto de matérias e relatos” é certamente a evidência de certa “motivação que os coordena: o que pensavam os Gregos sobre a mulher?” (Silva, 2010, p. 86). Ao investigar e criticar a hierarquia dos sexos, Beauvoir dá continuidade aos lastros científicos propostos pelos antigos, continuando, contudo, a perseguir o “modelo cívico” em moldes hierarquizados e que instaurou bases do patriarcado nas culturas, como bem alude Maria de Fátima Silva (2010, p. 91). Apesar da variação do mito, nosso imaginário cultural dele também se serviu e Beauvoir pôde compreender seus impactos histórico-culturais.

Dos mitos à filosofia da Antiguidade grega, princípios e valores espalharam-se pela cultura patriarcal ocidental, deixando os rastros de, entre outros, na filosofia: da alteridade como negativa, na sociedade política: da reivindicação do protagonismo masculino sobre o feminino, nas normas jurídicas: a consagração do poder paterno e a morte do direito maternal que o teatro grego antigo soube tão bem encenar e evidenciar. Consagram-se normas determinantes para um progresso cívico supostamente civilizado, embora criticado pelas vozes femininas em suas reivindicações de maior amplitude do ideal de cidadania, dos Antigos aos modelos contemporâneos. Beauvoir, descreve

nos capítulos de *O Segundo sexo*, a leitura mítico-histórica forjada ao longo das projeções culturais. Ela escreve:

Todo mito implica um Sujeito que projeta suas esperanças e seus temores num céu transcendente. As mulheres, não se colocando como Sujeito, não criaram um mito viril em que se refletissem seus projetos; elas não possuem nem religião nem poesia que lhes pertençam exclusivamente: é ainda por meio dos sonhos dos homens que elas sonham” (Beauvoir, SS [1949] v. I, 1980, p. 182).

Conforme Beauvoir, os papéis desempenhados pelas mulheres na interpretação mítica foram fabricados pelos homens em total “assimetria das duas categorias, masculina e feminina” o que resulta na constituição unilateral dos mitos. Outrossim, a própria representação do mundo foi assumida pelas descrições “do ponto de vista peculiar” dos homens e que “confundem com a verdade absoluta” (Beauvoir, SS [1949] v. I, 1980, p. 183). A descrição do mito é, pois, fluida e contraditória, cuja unidade nem sempre é fácil de perceber. Contudo, nas contradições míticas que muitas vezes se interpretam como se históricas fossem, aprisiona-se a figura feminina nos desejos e poder sustentados nas sociedades patriarcais.

Certamente, um entendimento execrado por quem se vê especularmente nas teias compulsivas dos processos interpretativos da história. Também por isto, escritos filosóficos e memorialísticos de Simone de Beauvoir trazem à tona as ambiguidades da cultura histórica: a busca pela *episteme*, nem sempre ou quase nunca se faz de forma neutra ou imparcial por intérpretes e também nas leituras restritas a situações ideológicas e em bases axiológicas específicas.

Os efeitos da escrita

Ao associar leitura e escrita e os *efeitos* de sua recepção, deve-se mencionar o vínculo entre leitoras e leitores e o texto beauvoiriano analisado segundo a *teoria dos efeitos* e a *Estética da Recepção*. Em conformidade ao pensamento de Hans-Robert Jauss e Wolfgang Iser, torna-se relevante saber interpretar o *efeito* produzido por uma obra e o significado que lhe atribui um público, ou seja, qual a sua *recepção*?

Segundo Iser, o que está em jogo na leitura de um texto literário (ou filosófico) é sempre a importância da interrelação entre a obra e as possibilidades de leitura, na medida em que estas se complementam, havendo uma interação entre texto e leitora ou leitor. O texto apresenta *espaços vazios* possíveis de serem interpretados, não havendo um direcionamento único e conclusivo prescrito pelo

autor/autora. Sempre há um referencial a ser completado e isso conduz a diferentes atitudes da parte de quem lê e interpreta uma obra ao longo da história (Iser, 1987, p.12). Contudo, a moldura interpretativa é dada pelo próprio texto, não se podendo falsear o que lá está.

Quanto aos escritos de Simone de Beauvoir, sejam os ensaios filosóficos, sejam, especialmente, suas obras memorialísticas, a conexão entre seu pensamento e obra se sustenta num modo de interlocução, mas também como um jogo relacional em que a escrita da filosofia se demonstra como *prática de vida*. Esta expressão é buscada intencionalmente da concepção histórico-pedagógica de Pierre Hadot (2011), que ora serve de amparo metodológico, na medida em que ele entende que a filosofia dos antigos gregos não poderia ser tematizada apenas da perspectiva teórica. Os antigos filósofos tomavam seu *modo de vida* um tema filosófico e mantinham estreita relação entre vida e teoria, na complementação dialética de uma pela outra.

Conforme Hadot (2011), na especificidade da filosofia grega antiga até mesmo o termo “escola” significava um modo de viver e uma escolha de hábitos, uma opção existencial que se completava aos discursos e ao ideal de vida, tendo os discursos grau intenso de participação na atuação de práticas dos antigos gregos. Assumido como um *modo de vida* (Hadot, 2011, p.18), o discurso filosófico era, pois, seu *meio* e *expressão*, não havendo, assim, divisão entre a filosofia e sua prática.

Em Beauvoir, há certa atualização para o século XX dessa prática existencial, em especial, no que corresponde ao meio de vida de uma mulher que abre as fronteiras discursivas e de atuação feminina em termos políticas e morais. Ela busca suas ideias de suas práticas de vida e as transforma, por sua vez, em discursos filosóficos que têm grande repercussão na vida cotidiana e política das mulheres ao longo do século XX em diante. Ao conjugar os escritos, pensamento e vida de Simone de Beauvoir, depara-se tanto com uma *teoria dos efeitos*, ou seja, com o que seus textos nos provocam; quanto com a sua notória *dialética realista*, conforme expressão de Sonia Kruks (2012), no contraste entre liberdade e corporeidade, uma liberdade sempre situada na dimensão histórico-social em que escolhas devem ser feitas. Neste contraste realista, Beauvoir expressa sua escolha de vida e das teorias dali resultantes e como tais teorias situam e referendam sua atuação existencial. Na interação com seus textos, experimentam-se novos horizontes de interlocução com o mundo, e por meio de

seus escritos, os quais orientam a uma prática de vida feminista, podem ser buscados e identificados vários laços de solidariedade, de engajamento político, de luta pela autonomia do sujeito feminino. Beauvoir registra em suas obras de Memórias, em especial, em *Tout compte fait* (1972), traduzido como *Balanço Final* (1982), ao escrever *O Segundo sexo* não o havia concebido como “um livro militante”, acreditando que a “condição feminina evoluiria junto com a sociedade” (Beauvoir, BF [1972] 1982, p. 493), contudo, em entrevista a Jeanson (1966) declara-se plenamente *feminista*. Surpreendia-lhe que a exploração das mulheres fosse aceita com tanta facilidade, mesclando-se mitos e realidade histórica para criar subterfúgios de dominação sexual.

De certa concepção histórico-política, Beauvoir escreve ainda em suas memórias:

Considerando as democracias antigas, profundamente ligadas a um ideal igualitário, custa conceber que a condição de escravas lhes tenha parecido natural: aparentemente, a contradição deveria ter-lhes saltado aos olhos. Talvez um dia a posteridade venha a perguntar-se, com a mesma perplexidade, como democracias burguesas ou populares puderam manter sem escrúpulos uma desigualdade radical entre os dois sexos. Por momentos, embora veja claramente suas razões, eu mesma me surpreendo com isso (Beauvoir, BF [1972] 1982, p. 494).

Sobretudo, em seu universo de apontamentos textuais, Beauvoir convida a quem a lê a não ter medo de se ver e de atuar como feminista; de não se envergonhar quando se é criticada/o porque se defendem direitos e deveres das mulheres; porque se desnaturalizam condições de servidão feminina. Seus escritos incentivam suas leitoras e seus leitores a seguirem adiante na luta contra a violência imposta e praticada contra os corpos femininos, aprisionados a estigmas que causam marginalização e desprezo do feminino, desde interpretações míticas, pela cultura e tecnologias fabricadas sob a dicção e propósitos patriarcais, mesmo sob a tônica das democracias. Sua obra e pensamento ainda hoje incitam a práticas de vida e de busca pela liberdade e responsabilidade sob o signo da história. Leitura e escrita geram efeitos de recepção em diversos graus interpretativos nos termos de Wolfgang Iser, sempre com *espaços vazios* a serem possíveis de preenchimento hermenêutico.

As pesquisas e seus impactos

Sobre os dois pontos de análise: as obras de Memórias e *O Segundo sexo*, ambas interligadas entre si pela necessária urgência em tornar o discurso

feminino em tema de liberdade e autonomia, há de se considerar o que se segue. Antes de mais nada, pode-se indagar se o interesse por uma figura como Simone de Beauvoir, especialmente por suas obras de Memórias, poderia ainda hoje, em pleno século XXI, produzir *efeitos* em nossas vidas de leitoras? Quando nos confrontamos com nossos temas investigativos, devemos também nos perguntar:

a) O que tais temas e práticas representam para nós e para a pesquisa em geral no cenário brasileiro, em cada situação acadêmica diante de tantos percalços sociais e políticos vividos na atualidade? b) Como as dificuldades práticas parecem levar a pesquisa a trilhar tópicos alheios à questão histórica da Educação?

Seja qual for a resposta que queremos e podemos encontrar, continuamos firmes em nossa caminhada entre livros, impressos e eletrônicos, diálogos com pensamentos de várias ordens pedagógicas, filosóficas e históricas do saber. A persistência pedagógica na pesquisa traz efeitos em nossas vidas, modificando o nosso entorno. Assim, pesquisar sobre Simone de Beauvoir ou sobre a variação histórica de paradigmas feministas ou de direitos humanos com destaque na vida das mulheres culturalmente definidas, significa, sobretudo, reconhecer o valor da escrita de uma mulher protagonista de seu tempo, que se dedicou sobretudo a descrever o século XX, em momentos de guerras e de paz. Ela soube vivenciar amizades, amores variados, engajamento político, sobretudo, nos anos de ocupação nazista na França, durante a Segunda Grande Guerra; posteriormente, nas críticas ao colonialismo francês desde o final dos anos 1950, especialmente, nos protestos publicados em jornais contra as ações de indignidade cívica praticadas pelo exército francês durante a guerra da Argélia²; assim como nos movimentos feministas do final dos anos 1960 e início de 1970 em diante, até a

² A Guerra da Argélia (1954-1962) foi um conflito de argelinos contra franceses para conquistar a independência do país. O conflito provocou a morte de mais de 300 mil argelinos, 27.500 soldados franceses e o êxodo de 900 mil colonos franceses. Além do envolvimento com o tema da liberdade cívica, Beauvoir também buscou interceder junto à mídia francesa, em favor de Djamila Boupacha, estudante argelina, violada em seus direitos físicos e morais pelo próprio exército em nome do Estado francês na década de 1960, tema que será também objeto de análise em 4.1. “A crueza das narrativas sobre o colonialismo”. Este confronto com o Estado gerou uma densa obra em coautoria com Gisèle Halimi. Beauvoir e Halimi (1962) tornam-se neste momento um símbolo de luta contra a violência de Estado e a opressão colonial.

sua morte em 1986. Os efeitos de suas ideias e obras persistem até os dias atuais e provocam novas indagações sobre os signos da história.

3. GESTOS DE MEMÓRIA

Desde os primeiros escritos autobiográficos, com narrativas de sua infância e juventude em *Memórias de uma moça bem comportada* (1958), passando por *A força da Idade* (1960), *A Força das coisas* (1963), *Balanço Final* (1972) até os relatos sobre a velhice e morte de sua Mãe em *Uma Morte muito suave* (1964) e de Jean-Paul Sartre em *A Cerimônia de Adeus* (1981), Beauvoir já denuncia os limites impostos à liberdade humana, em especial, à imagem das mulheres e também das pessoas idosas na cultura, com papéis estereotipados que reforçam a mentalidade da tradição burguesa,

Sua escrita memorialística, segundo Valeria Pompejano (2010) assenta-se no recurso de apresentar-se a si tal como perseguindo algo de si mesma, procurando também uma “construção de si” (Pompejano, 2010, p. 16), um modelo a se fazer seguir envolto em um investimento político que a motiva, mas também autocríticos, em seus traços identitários. Não se trata de uma projeção linear e fechada de si mesma, mas de um *constructo* que recupera o vivido e tenta lhe dar uma interpretação positiva, formativa, nunca ilusória e acabada. Tal projeção também transparece em seus ensaios filosóficos e *O Segundo sexo* (1949) é, possivelmente, a maior expressão teórica de suas pesquisas sobre o eu - feminino na cultura.

Tanto nos escritos memorialísticos, quanto nos ensaios filosóficos verificam-se movimentos de ambiguidade, de se ver como corpo contingenciado e espírito de liberdade, provocados pelas indagações em torno à história do século XX e à história tecida sobre si mesma em seus relatos. Bem antes da Segunda Grande Guerra e da Guerra na Argélia, as quais ela se empenha em analisar e a criticar, sua escrita demonstra o empenho em situar-se num mundo que clama pelo engajamento ético e político.

Nos anos que antecederam à Segunda Guerra Mundial, pode-se ler em suas obras de memórias, tal como *Na Força da Idade*, a tentativa de avaliar “a crise de excepcional virulência que sacudia o mundo capitalista”; como ela se sentia autorizada a “pressagiar que essa sociedade não aguentaria muito tempo”

(Beauvoir, FA [1960] 1961, v. I. p. 13). Seu olhar crítico, entretanto, desliza-se também atentamente com evidências de autocrítica, a sua posição política diante do mundo. Beauvoir assim registra,

Ignorávamos em todos os terrenos o peso da realidade. Vangloriávamos-nos de uma liberdade radical. Acreditamos durante tanto tempo e com tanta tenacidade nessa palavra que preciso ver de perto o que nela púnhamos (Beauvoir, FI [1960] 1961, v. I. p. 13).

Em seu projeto existencial também de exame crítico de si mesma, Beauvoir compreende, de perspectiva ético-política que, mesmo tendo sempre reconhecido a liberdade como uma *intuição prática e irrecusável*, seu erro foi “não a encerrar dentro de seus justos limites” (Beauvoir, FI [1960] 1961, v. I. p. 13), supondo não depender de nada, a não ser de si própria. A liberdade é algo construído ao lado de outros que anseiam por relações de simetria e equilíbrio social e político.

Beauvoir volta-se a um projeto pedagógico permanente, na experiência de si e à reflexão intelectual no confronto com a vida, em que se desvelam em seus escritos *gestos de memória* que se indicam no ato de ler o “seguimento lacunoso entre o discurso de si e o discurso sobre o mundo” (Santos, 2025, p. 114), em que faltas e falhas também se destacam. Os *gestos* implicam posições que se articulam em direções opostas, o movimento de apreensão e o de retroação, tentando vincular memória e tempo, e o gesto pontual da escrita que reelabora o vivido na página de construção textual (Santos, 2025, p. 114).

Tais *gestos* se encontram nos escritos beauvoirianos, diferentemente de memorialistas que se projetaram historicamente nesse gênero literário, como Agostinho ou Rousseau, que tentavam garantir a grandeza de seus *tesouros* recônditos da memória e a certeza de seus relatos, em projeto autobiográfico. Em tais *tesouros*, segundo Gusdorf, desenvolve-se na escrita a consciência que se teria dirigido a vida com “certo domínio do acontecimento” (Gusdorf, 1991, p. 11). Ou seja, o eu-sujeito da escrita, da Antiguidade ao Iluminismo, retoma sua vida na certeza de que não haverá desvios de suas experiências (Amícola, 2007, p. 73), mas de total sinceridade e verdade. Seria tamanha certeza realmente realizável? Passa-se a questionar e a rever o pensamento histórico, dos Sofistas a Nietzsche, da Desconstrução derridiana até ao cenário contemporâneo.

A era das revisões da escrita

Na contemporaneidade, os escritos de Memórias refletem ambiguidades, revisões, autocríticas, além do que a expressão e a grafia dos *gestos* de memória ligam-se cada vez mais aos meios tecnológicos, digitados e postados online. Em entrevista de revisão a seu livro sobre *O Pacto Autobiográfico*, Philippe Lejeune ([1975], 1988, 2008) entende que, em 1988 quando da revisão temática, já havia “poucos dátilo-diaristas”. Gradualmente, o computador passa a vencer a máquina de escrever e esta parece haver fracassado, tudo porque o computador é “flexível, jovem e lúdico” e “ligado a um novo espaço de comunicação” (Lejeune [1975] 1988, 2008, p. 317). Acrescenta ainda o autor, que isso pode ser apenas uma “hipótese” e que seu “entusiasmo” poderia ser confundido com uma “ilusão”. Afinal, diz ele, “na escrita como no amor, nossa própria experiência nos deixa cegos e as práticas dos outros, a princípio, enojados” (Lejeune, [1975] 1988, 2008, p. 317). No limiar de uma nova era, indaga Lejeune, “o novo meio atende às expectativas construídas pelo antigo?” Enfim, “o computador é um bom ou mau caderno?” (Lejeune, [1975] 1988, 2008, p. 318). O caderno com suas folhas à espera da escrita autobiográfica teria sido superado pelos arquivos grafados pela digitação do teclado?

Em Simone de Beauvoir, a escrita memorialística corresponde a uma decifração da vida, do percurso existencial que se revela antagônico, pleno de ambiguidades e conflitos. Até mesmo a prática de escrever diários, memórias, em narrativas autobiográficas, ainda por meio do manuscrito ou com amparo da máquina de escrever, cujo texto final datilografado podia ser ainda reparado à mão, lhe permitia deixar ali nas revisões seus vestígios de busca de precisão conceitual. Em suas obras, realça-se a relação entre memória e tempo e suas possibilidades interpretativas que alicerçam o processo de produção da escrita, que traz em si um dinamismo na forma e no conteúdo. Por não se tratar de uma escrita linear, pelos *gestos de memória*, Beauvoir possibilita o ato de ler e repensar a escrita do eu como um tecido de lembranças e de falhas do esquecimento, visando recuperar, justamente, o complexo lugar de sujeito de sua própria história situada no mundo ao lado de outros sujeitos, perante as vicissitudes do século XX. Beauvoir. relata em *Na Força da Idade*,

No outono de 1929, partilhávamos a euforia da esquerda francesa. A paz parecia definitivamente assegurada. A expansão do partido nazista na Alemanha representava apenas um epifenômeno sem gravidade. O colonialismo

seria liquidado dentro de curto prazo (Beauvoir, FI [1960] 1961. v.1. p. 12.).

Por seu *otimismo* vivido em certo período perante os antagonismos do mundo, Beauvoir não se furta, *a posteriori*, no ato da escrita, a um exame de seus erros que exprimiam uma realidade, precisamente, a de sua situação no mundo. Diante da folha de papel, sua realidade mnemônica é retomada, ora sob a roupagem de novos juízos valorativos. Ao debruçar-se sobre as lembranças, em gestos de recuperação do vivido em período que antecede a eclosão da Segunda Grande Guerra, ela assume o rigor do julgamento sobre si, em busca de reconstrução da sua subjetividade na situação da escrita de si e sobre si mesma em meio à história que a cerca.

184

Pressupostos do pacto autobiográfico

Na obra *O Pacto Autobiográfico* ([1975] 2008), Philippe Lejeune compreende a autobiografia como uma escrita que cumpre os pressupostos do pacto autobiográfico, a saber, *autor*, *narrador* e *personagem* da escrita coincidem entre si no esboço de uma mesma pessoa (Lejeune, [1975], 1988, 2008, p. 27). Contudo, há também narrativas com finalidade apenas nos relatos de suas experiências de vida, sem demonstrar preocupação em tecer propriamente um discurso de cunho autoral. Nestes casos, demonstra-se privilegiar o sentido das vivências tecidas em detrimento da cronologia dos relatos memorialísticos.

Há de se questionar se, no tecido de memórias, nos termos de Lejeune, pensamento e escritos de Simone de Beauvoir, além de seu modo de vida e de escrita, poderiam ser investigados na tentativa de ordenação cronológica de fatos e vivências? Ou tal fidelidade na reconstrução do passado não teria sido para ela um ponto central de suas memórias.

Se Lejeune tiver suas razões de crítica, de certa forma, Beauvoir respondia à "era da suspeita" lançada sobre o gênero autobiográfico, no qual diversas correntes de pensamento atuaram como porta-vozes, criticando seus defeitos individualistas. Tais críticas tanto foram impostas à vida e obra de Beauvoir, quanto ela mesma desenvolve um senso de autocrítica repudiando certos aspectos e fases de sua vida em que tais princípios se apresentavam. Ela assim escreve em *Na Força da Idade*:

Não hesitávamos em contestar todas as coisas e nós mesmos todas as vezes, em que a ocasião o solicitava; criticávamo-nos e condenávamo-nos com desenvoltura, porquanto toda mudança se nos afigurava um progresso. Como nossa ignorância dissimulava-nos a maior parte dos problemas que nos deveriam ter inquietado, contentávamo-nos com essas revisões e imaginávamo-nos intrépidos” (Beauvoir, FI [1960] 1961. v.1. p. 14).

Seu ato de escrever, fosse manuscrito ou datilografado (*tapuscrit*, conforme termo em francês) equivale ao registro primordial que estabelece pontos de convergência entre a vida recuperada pela memória e sua representação textual. Assim como os signos de evidência de sua paixão pela escrita, pelas ideias que se realçam e pelo incontornável vazio com o que se depara na impossível recuperação do que se transcreve como o que foi vivido.

Lejeune problematiza a relação entre a escrita à mão e a escrita na tela do computador, mencionando vantagens e desvantagens. Se nos manuscritos há mais riqueza de informação, diante da tela do computador pode haver certa função libertadora devido à impessoalidade da escrita e ao distanciamento da escrita. O computador realiza melhor do que o caderno manuscrito a expressão e a deliberação, como principais funções do diário. Mas o prazer do ato de escrever, para algumas pessoas, ainda se faz registrar nos manuscritos (Lejeune [1975], 1988, 2008, p. 326-327), embora o computador tenha uma presença física mais forte que a do caderno, nem sempre sendo agradável se deparar com *vestígios* de si mesmo/a no ato da escrita.

4. O VALOR DA ESCRITA

Importante enfatizar, como a escrita na relação entre vida e obra de Simone de Beauvoir é o que dá sentido a esse movimento de recuperação da memória e um dos esteios da própria vida. O valor da escrita em sua obra é bastante evidente, justamente, porque Beauvoir se considerava, nomeadamente, acima de tudo, uma *escritora*, o que era para ela uma designação de maior orgulho e abrangência em analogia a ser uma filósofa. Referindo-se a si mesma e a Jean-Paul Sartre, companheiro de vida, Beauvoir indica em suas memórias: “Éramos escritores. Qualquer outra determinação fora impostura” (Beauvoir, FI [1960] 1961, v. I, p. 17).

Entendia que *filósofos* (bem acentuado o plural masculino) deviam seus vínculos extravagantes aos lastros de *sistemas* e *chaves universais*, aptos a explicarem “algum estudo documentado, crítico”, um “ponto de lógica”. Não lhe parecia instigante “criticar as ideias dos outros” e sua ambição intelectual não lhe permitia *contentar-se* com isso (Beauvoir, FI [1960] 1961, v. I, p. 197).

Outrossim, percebia que “a condição feminina não predispõe a esse gênero de obstinação” (Beauvoir, FI [1960] 1961, v. I, p. 197). De fato, uma interjeição bastante sugestiva se investigada da perspectiva de gênero. O que ela poderia estar sugerindo: a) que as mulheres não se permitem prender a tal “delírio concertado que é um sistema”? (Beauvoir, FI [1960] 1961, v. I, p. 197); b) que a imaginação feminina não se reduz a seguir os passos sistêmicos e obstinados de certa concepção de uma lógica multivalente? c) que as mulheres não possam se resignar a responder às questões da filosofia construídas pelos e para os homens sob uma suposta dicção universal? d) que as mulheres não se resignem mais a serem “discípulas de alguém”? (Beauvoir, [1960] 1961, v. I, p. 197). Indagações provocativas que levam pesquisadoras de sua obra a reiteradas leituras de seus intentos memorialísticos.

Sua contínua desaprovação, sobretudo, à sociedade burguesa, voltava-se ao longo de sua obra contra a moral e a estética tradicionais, visando olhar o mundo de frente nas situações de vida ao seu redor. Seus escritos são uma atestação de sua própria vida, sempre situada nas dimensões da história, nas ligações com outrem, nas resoluções e vazios que modelavam o testemunho a ser apresentado em sua vasta obra: assim como a denúncia de modelos e fórmulas asfixiantes de pensar e ser e a proposta de abertura à solidariedade humana sempre com base na liberdade, na qual tudo apostava (Beauvoir, FI [1960] 1961, v. I, p. 17).

Tais escritos, especialmente, obras de cunho memorialístico, são traços de narrativa histórica, mas também autobiográficos; embora o eu da narradora saiba compartilhar o relevo de representação do sujeito da escrita com o protagonismo de outras pessoas, além da presença marcante de temas sobre livros, acontecimentos, guerras, revoluções, situações de vida. Entretanto, a história da mulher que narra a sua própria história se funde aos contrastes do século XX, surgindo, assim, um transitar do individual ao histórico-cultural, de traços morais e psicológicos aos fios das questões existenciais que dão sentido às

ambiguidades e paradoxos dos acontecimentos vividos. Afinal, escreve Beauvoir em *Por uma Moral da Ambiguidade*, indivíduos humanos sentem-se sujeitos perante os demais, mas tratam-se uns aos outros como “instrumentos ou obstáculos” (Beauvoir, MA [1947] 2005, p. 15). Compreender a profundidade da vida humana não é façanha simples e cabe à escritura literária concatenar as teias do esquecimento para dar lugar à vida descrita.

Na especificidade do gênero memorialístico, da autonarrativa nos escritos de Simone de Beauvoir, não se pode descurar ser este um tema de grande amplitude textual, em que se destacam eventos históricos, relevos literários e filosóficos ao seu redor. Se a autobiografia é um relato retrospectivo, suas Memórias se destacam pelo encontro com o mundo e com os outros. Beauvoir escreveu de forma manuscrita (datilografada e corrigida a mão) cinco volumes de obras de memórias, com tópicos não apenas de sua vida privada, mas, sobretudo, sobre a história da cultura, em que guerras e suas sequelas se realçam e, em especial, o peso da colonização com efeitos no século XX. Ao relatar sobre si mesma, ela sempre buscava se situar no contexto histórico em que vivia, não se descurando de se situar no comprometimento político.

A crueza das narrativas sobre o colonialismo

Vale lembrar como após os impactos da ocupação nazista e da Segunda Grande Guerra, Beauvoir se descobre sob o peso do colonialismo francês em território argelino. Ela escreve em *A Força das Coisas* (1963) sobre os escândalos das torturas praticadas pelo exército francês à população argelina; em especial a jovens estudantes, como Djamila Boupacha, por suas manifestações contra os ocupantes em território argelino, torturada sexualmente e desfigurada a bel prazer e convivência do governo francês em 1960 (Beauvoir, FC [1963] 2009, p. 545-550). À época se considerou, inclusive, estar-se presenciando certa “gangrena” ³advinda do nazismo (Beauvoir, FC [1963] 2009, p. 547), naquele

³ Franz Fanon em *Os condenados da terra* (1961) menciona por meio da metáfora da *gangrena* a violência colonial e a corrupção do processo de descolonização na Argélia, o que dará a Beauvoir a possibilidade em 1963, de utilizar o termo cunhado pelo amigo Fanon.

momento, com práticas atrozes assumidas pelo exército francês em guerra hostil aos civis na Argélia.

Beauvoir sempre se manteve fiel a sua lógica de autonomia e liberdade, desaprovando a servidão humana causada pelo capitalismo, pelo conformismo às regras do mercado de consumo e, sobretudo, ao colonialismo. Seja um colonialismo entre povos e cultura, seja na ordem dos patriarcados, da imposição de normas de condutas sobre os corpos e vidas das mulheres. Acima de tudo, Beauvoir escrevia para seus e suas leitoras. A ideia de recepção de sua obra era-lhe fundamental e por isso buscava na revisão dos textos a precisão dos conceitos e o sentido do que foi vivenciado. Ela toma como uma de suas tarefas históricas, justamente, relatar, transformar pela palavra o seu entorno, recusando-se a enclausurar ideias e conceitos em um sistema de referência inflexível. “O que me ajuda a refletir sobre a minha (vida) é o fato de havê-la relatado”. A seu sentir, “o relato se desenvolve num terreno diferente do da experiência vivida” (Beauvoir, BF [1972] 1982, p. 10); mas reporta-se a esta e pode permitir que algumas de suas características sejam captadas. É como se o sentido da existência só se completasse no ato da escrita que busca em seus leitores a afirmação de um modo de vida: o de ser escritora de seu tempo.

Na releitura de seus escritos há de se compreender como os fios da memória perpassam sua vida entrelaçada às vidas daqueles que, ao seu redor, modificaram em várias angulações a dimensão ética do século XX. Em *A Força das coisas*, Beauvoir descreve os acontecimentos principais do século XX: o final da Segunda Grande Guerra, o peso do colonialismo europeu na África, especialmente, na Argélia; a revolução cubana e as implicações da colonialidade no Brasil, após sua visita a vários estados brasileiros juntamente com Sartre em 1960. O eu da escritora percorre a dimensão da temporalidade, realça diferentes culturais, descreve cenários pessoais e políticos, assim como os efeitos duradouras e estruturais do colonialismo no Brasil dos anos 1960.

Não se pode descurar tratar-se, contudo, de um projeto de recuperação de *gestos* de memória vivenciados por uma mulher do século XX, que se volta em seu projeto memorialístico dirigir-se a leitores que possam lhe compreender o sentido de viver naquele momento da história, sem que tenha que “conduzir o leitor pelo sonho desperto que ressuscitaria” seu passado (Beauvoir, BF [1972] 1982, p. 110-11). Contudo, seu intuito é também filosófico, na medida em que visa examinar sua história por meio de determinados *conceitos* e *noções*, sobretudo,

o de ter sido sempre fiel a si mesma e criar em seu entorno, gradativamente, as condições de uma liberdade situada e sempre buscada (Beauvoir, BF [1972] 1982, p. 48-49) reagindo sempre à angústia da morte, das revoltas, dos vazios existenciais.

Eis o ponto de conexão que almejamos confrontar: relacionar o fator da escrita memorialística, em que se projeta a construção do eu-sujeito de autoria de narrativas mnemônicas com a escrita de seus ensaios e tópicos filosóficos, tal como se pode ler em *O Segundo sexo*, para se investigar seus efeitos no cenário histórico e contemporâneo.

Impactos Relacionais

Ainda em *A Força das Coisas*, Beauvoir narra no capítulo IV, nesta obra de Memórias publicada em 1963, a concepção de *O Segundo sexo*; quando, em 1949, ao pretender falar de si, ela percebe que devia “descrever a condição da mulher” (Beauvoir, FC [1963] 2009, p. 210), considerando os mitos forjados a seu respeito pelos homens, assim como as religiões, ideologias e literaturas. No quadro de representações, ela registra terem os homens se assumido como o sujeito da história e as mulheres concebidas em seu caráter de objeto como o *Outro*. Sua escrita não é de clamor, de reivindicação, apenas de descrição e análise existencial.

Da perspectiva histórica, Beauvoir destaca a relação da “história da mulher” vinculando-a “à história da herança”, tal como um “contragolpe da evolução econômica do mundo masculino” (Beauvoir, FC [1963] 2009, p. 211). Foi assim, que aos quarenta anos, ela descobre aspectos do mundo antes não percebidos, medindo as diferenças entre homens e mulheres; justamente naquilo que os separa, ela atribui valor e sentido de *dessemelhanças*, próprias da “ordem cultural e não natural” (Beauvoir, FC [1963] 2009, p. 211), da infância à velhice, especificando recusas, oportunidades e falta de possibilidade, evasões e realizações.

As críticas que lhe foram atribuídas por esse livro publicado em 1949, ameaçador aos privilégios masculinos na cultura, lhe renderam, além de vários escândalos, também insultos, perseguições, tornando-se a obra inclusive integrada ao *Index (Index Librorum Prohibitorum*- como uma publicação herética naquele momento histórico). A esquerda francesa também não acolheu

e-ISSN:2674-905X SCIAS Edu., Com., Tec., Belo Horizonte, v.8, n.1, p. 172-199, jan./jun. 2026

bem as ideias presentes no livro, afinal, imaginava-se que “feita a revolução, “o problema da mulher não se colocaria mais” (Beauvoir, FC [1963] 2009, p. 216). As diversas reações transpareciam de todos os lados como manifestação de um desinteresse social e político pelo presente vivenciado pelas mulheres em meados do século XX. Ao repensar o sentido desta obra de 1949 novamente em seu escrito memorialístico em 1963, Beauvoir admite que seu apreço temático pelas mulheres lhe permitiu uma “apreensão do mundo” em seus *limites* de forma sólida, sem “flutuar no universal” (Beauvoir, FC [1963] 2009, p. 219). A obra traz impactos em várias projeções, mas também viabiliza que até mesmo certos mitos masculinos pudessem se desfazer de condão intangível, já nas décadas posteriores à publicação de *O Segundo sexo*.

Sua crítica ao universal abstrato manifesta-se, segundo Michel Kail, (2003) pelo fato de Beauvoir não lhe reconhecer como um “critério de legitimidade”, já que se mantém num plano de abertura indefinida e indeterminada em termos valorativos. No campo do universal, tudo parece escapar do relativismo experimentado pelas mulheres, sobretudo, quando se pensa na dimensão individual de cada qual no espaço da relatividade. É justamente no campo da *singularidade* que se pode transitar do *particular* ao *individual*, mantendo-se no âmbito da *singularidade* como própria de toda a humanidade (Kail 2003, p. 38-39); visando-se uma igualdade axiológica que se torna a exigência humana de sua finalidade de ser e existir.

Sobretudo, sua crítica ao naturalismo, na medida em que as diferenças naturais só têm peso nos moldes da cultura, pode ser compreendida por meio de alguns aspectos, conforme o entendimento de Françoise Armengaud (2002, p. 25), a saber:

- a. O aspecto *filosófico* que reconhece a primazia da existência contra o naturalismo essencialista;
- b. O caráter *epistemológico* por meio do qual se verifica a série causal e explicativa situada de forma consistente no âmbito da sociedade, da civilização e da cultura;
- c. A condição *política*, na medida em que a ideia constantemente repetida de que não existe destino reforça a esperança de que algo possa ser mudado na cultura historicamente construída.

Em Beauvoir, o “devir feminino” ou o ato de se “transformar em mulher” torna todo ser humano marcado como “mulheres”, justamente por pertencerem biologicamente ao sexo feminino, como um ser dotado de complexidade. Na década de 1960 em diante, suas análises possibilitam a passagem do sexo ao gênero, retocando em bases epistemológicas as teorias feministas da contemporaneidade, conforme, entre outras Shira Tarrant, 2006, para a qual Beauvoir, foi uma das intelectuais do século XX que teria oferecido o vocabulário para entender como a sociedade cria e impõe ideais de feminilidade e as ferramentas para analisar as dimensões políticas da ideologia dos papéis sexuais.

Bem se sabe, da perspectiva de uma interpretação sociológica da história, Beauvoir rejeita as teses das ciências de seu tempo, com as quais dialoga, em especial, com a psicanálise e biologia, não reconhecendo haver qualquer determinismo psíquico ou biológico que possa reduzir as mulheres a sua condição cultural e social que ao longo da história se realçou como de complexidade teórica e existencial suas pesquisas e referencial axiológico.

De toda forma, segundo ainda Armengaud (2009, p. 27), Beauvoir não está simplesmente substituindo um registro de explicação naturalista por outro registro existencialista, quando há também ao longo de *O Segundo sexo*, evidências de sua indignação pelas limitações impostas às mulheres. As questões de fundo mítico-histórico acerca da aceitação feminina de sua condição, como um corpo sujeitado ao longo da história, devem-se elevar ao reconhecimento feminino das singularidades na sua diferença e especificidade; há de se permitir que as mulheres possam se manifestar enquanto diferença às estruturas patriarcais. Não se trata, pois de se reconhecer como mulher em plano de alteridade absoluta e alienada, mas de se construir algo possível em tons de equidade social e cultural a partir da alteridade como um princípio valorativo complexo. Este certamente um dos méritos herdados do pensamento beauvoiriano.

Entende-se, pois que *O Segundo sexo* tenha sido escrito em torno ao eu-de cada mulher no singular que se reconhece em meio ao movimento histórico da luta de milhares de mulheres sob a tônica da *alteridade* como um diferencial construtivo. Como bem ressalta Michel Kail (2023, p. 90), é sobre o tema da *alteridade* que Simone de Beauvoir tece sua abordagem existencialista das relações políticas, escapando das abordagens tradicionais. Trata-se de um tema

e-ISSN:2674-905X SCIAS Edu., Com., Tec., Belo Horizonte, v.8, n.1, p. 172-199, jan./jun. 2026

metafísico que subsidia a lógica filosófica e permite o transitar do individual ao coletivo-social e de volta ao íntimo, sem se perder a si mesma pelas imposições sócio-culturais em campo universal.

Se *O Segundo sexo* perturba a ordem dos saberes da tradição filosófico-cultural, os laços de subjetividade que neste ensaio se tecem têm como efeito os fundamentos teóricos dos movimentos feministas e dos enredos das mulheres entre si. Ao falar de si, cada qual se representa e ergue sua voz para amparar as outras mulheres. A sororidade é o veículo motor da autonarrativa que se esboça de Beauvoir aos movimentos feministas do século XX e XXI.

6. ACERCA DA ATUALIDADE DE O SEGUNDO SEXO E SEUS EFEITOS NA PÓS-MODERNIDADE

Sobre esta obra publicada em 1949, dois aspectos devem ser discutidos a seu respeito: a) concernente ao sentido aberto de suas expressões temáticas, b) a respeito de sua recepção pelas teorias feministas da atualidade.

a) Suas expressões tópicas.

Um traçado específico conduz à leitura de suas expressões principais: a primeira delas, a afirmação de “a mulher enquanto o outro” da cultura, que aparece na introdução da obra, e a mais polêmica delas, “não se nasce mulher, torna-se mulher, presente na primeira página do segundo volume da obra. Ambas as locuções são figuras de análise que provocam muitas críticas, especialmente de quem se sente incomodado pelo despertar das mulheres de seu sono de submissão psicológica e histórica até o século XX.

Beauvoir averigua as várias perspectivas sobre o tema das mulheres na cultura, mas é sobretudo por meio de uma metodologia investigativa da corporeidade na existência humana que ela transita da filosofia à literatura, e propicia amparo teórico aos movimentos feministas dos anos 1960 em diante.

Uma mulher é mais do que um corpo frágil ou gerador, mais do que uma dimensão psíquica vista apenas como inveja fálica e como falta; é uma fragilidade material que só se realizará quando a humanidade reagir à opressão patriarcal e capitalista, em que seres são vistos como coisas e manipulados como tal.. Em suas investigações, Beauvoir escava e revira a simbologia feminina, na medida em que:

1) critica a criação de valores culturais, exibidos, contudo, como se fossem naturais, em especial valores que coíbem a autonomia feminina ao longo da

e-ISSN:2674-905X SCIAS Edu., Com., Tec., Belo Horizonte, v.8, n.1, p. 172-199, jan./jun. 2026

história; como “o Outro absoluto, sem reciprocidade” (Beauvoir [1949] 1980, p. 10-12; p. 181);

2) aponta a sujeição feminina como um modelo histórico forjado para domínio social- masculino; domínio instaurador da mulher como o Outro, gerando, pois, “as consequências do ponto de vista masculino” (Beauvoir [1949] 1980, p. 23);

3) indica como o ato de *se tornar* o que se nomeia como uma ou *A Mulher* tem sido configurado ao longo dos tempos como um meticuloso desenho de figuras femininas confinadas apenas aos modelos tradicionais de esposa, mãe, filha, figuras circunscritas às correntes domésticas, que impõem à mulher características de passividade como sendo essencialmente femininas, quando “na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade” (Beauvoir, SS [1949] v. II, 1980, p. 21-22).

Suas questões podem parecer comuns aos temas de pesquisa atuais, mas foram propostas de abertura e inovação ao saber e fazer das mulheres e o reconhecimento das possibilidades de suas ações e atuações; sem elas, dificilmente seríamos hoje críticas da situação de domesticidade imposta às mulheres, mesmo em cenário de pós-modernidade. Beauvoir também investiga como filosofia e literatura se prenderam em mãos masculinas e deixaram à deriva as vozes femininas como inaptas à revisão de conceitos, princípios e valores.

A tese mais conhecida do livro, o ato de *se tornar uma mulher* e não apenas (ou talvez sequer) *nascer* como uma *mulher* tem sido objeto de investigações múltiplas em várias perspectivas hermenêuticas por leitoras e intérpretes de sua obra em diversas partes do mundo.

b) A recepção de *O Segundo sexo*

Desde sua publicação em 1949 este ensaio filosófico tem gerado diferentes focos de recepção acadêmica e de práticas de vida.

Os efeitos na Segunda Onda Feminista

Estes voltam-se, inclusive, sobre relatos autonarrativos pelas integrantes dos vários grupos feministas da Segunda Onda, tais como Anne Koedt, Kathie Sarachild e Carol Hanish. Todas elas tratam da opressão feminina, atentas entre si às vozes diversas de umas ao lado das outras; elas se apresentam também naquela mesma época como interlocutoras de um público feminino que não se

interessa apenas por cuidados maternos ou por tarefas domésticas, como pontos constantes e obrigatoriamente presentes nas revistas femininas da primeira metade do século XX; a relação dialógica entre elas ganha novas projeções e demonstram-se por meio de profundas mudanças no imaginário social. Tal pensamento molda-se tanto pelas práticas vivenciadas entre os movimentos, quanto pelas teorias que perpassam conversações com *O Segundo sexo*, na medida em que seu arcabouço teórico-existencialista possibilita suas leitoras a transferirem o sofrimento e questões pessoais e individuais para a estrutura de poder em nível político e social, tal como no texto de Hanish, “o pessoal é político” (1969/1070).

Nos relatos das feministas da Segunda Onda, traçam-se vias de recuperação dos fragmentos de imagem do feminino na cultura, modelando-se um sujeito histórico que passa a se nomear como um indivíduo-mulher em busca de autonomia e que ousa constituir sua própria imagem temporalizada, questionando as estruturas de poder que asfixiavam suas ações e situações de vida.

Importante poder referendar as possibilidades interpretativas de suas obras e pensamentos também entre autoras contemporâneas, inclusive do continente europeu.

A hidra do patriarcado

Assim, Karen Vintges (2017), da Universidade de Amsterdã, entende que *O Segundo sexo* denuncia o *patriarcado* como a *hidra*, um monstro com muitas cabeças. Ao longo das últimas décadas, várias cabeças desse monstro foram cortadas: avanços importantes foram alcançados pelas mulheres em relação à lei, à política e à economia. Contudo, se está diante de um “monstro em que crescem muitas novas cabeças a cada vez que uma delas é cortada”. Como enfrentar o seu poder? Esta é também uma complexa questão e um dos dilemas da contemporaneidade.

Segundo Vintges, “embora distintas — muitas vezes híbridas — as cabeças do patriarcado dominam em diferentes esferas” e, por isso, o feminismo exige “uma variedade de estratégias”.

Bem se sabe, os movimentos de mulheres por todo o mundo, hoje, criam criticamente “novos modelos de identidade e de sociedade em seus próprios

contextos” (Vintges, 2017, p. 19), tentando enfrentar a hidra em meios possíveis. Com base em noções de Simone de Beauvoir, é preciso pensar numa educação ampla em várias práticas de libertação de mulheres, cada uma caçando a *hidra* do seu próprio modo, mas com apoio mútuo entre todas as mulheres e os homens também, especialmente, para além das restrições sociais de gênero.

Neste sentido, estudar obras de Beauvoir ainda hoje pressupõe uma interlocução que se faz também com autora/es pós-coloniais, porque “a filosofia ocidental deve revisar seus conceitos e perspectivas no contexto de nosso mundo globalizado” conforme entendimento de Karen Vintges (2017, p. 17). A autora entende ultrapassar-se nos escritos de Simone de Beauvoir uma dimensão puramente eurocêntrica e própria de meados do século XX, abrindo-se a distintas modulações interpretativas.

Várias possibilidades de análises orientam pontos de subjetivação e tornam *O Segundo sexo* tanto um relato filosófico-antropológico que subsidia olhares reivindicativos na luta pela opressão feminina em contextos sociais e políticos, quanto referenda teorias da subjetividade, pois é do íntimo de cada mulher que Beauvoir analisa a situação de colonização dos corpos femininos. Em *Tout compte fait*, traduzido como *Balanço Final*, Beauvoir escreve acerca da literatura e lutas feministas, em especial, nos EUA, com várias obras publicadas por mulheres que se rebelaram contra a opressão feminina, estendendo-se a diversos países, chegando até a França nos anos 1970, com o *MLF (Mouvement de Libération des Femmes)*:

“O que essas mulheres reivindicam não é uma emancipação superficial, mas a ‘descolonização’ da mulher, porque se consideram ‘internamente colonizadas’. Exploradas, enquanto donas-de-casa a quem a sociedade extorque um trabalho não remunerado, são vítimas de discriminação no mercado de trabalho: oportunidades e salários iguais aos dos homens lhes são recusados.” (Beauvoir, BF [1972] 1982, p. 492).



Figura 1. Simone de Beauvoir e Sylvie le Bon na passeata do *Movimento de Libertação de Mulheres*, Feira de Mulheres em Vincennes, 1973.

Foto de arquivo pessoal de Sylvie Le Bon de Beauvoir disponibilizada como de domínio público.

O que se revela ao longo de suas obras é uma ligação pouco harmoniosa entre o sentido do que se afirma como natural e a cultura que delimita e situa historicamente o signo da história. As situações vivenciadas pelas mulheres não poderiam ser tomadas senão sob o impacto da dimensão do devir histórico ao longo da realidade cultural.

196

À GUIA DE CONCLUSÃO

Vale sempre investigar os escritos de Simone de Beauvoir e a partir deles, problematizar seu alcance de nossos intentos epistemológicos.

Por um lado, pode-se apreender seu projeto memorialístico ou autobiográfico, que, para alguns comentadores distingue-se pelo modo e peso da cronologia de fatos pretéritos, como em Philippe Lejeune e outros, equivalendo-se a uma gradual construção de si, de acordo com Valeria Pompejano. Nas narrativas, fatos são descritos, analisados sob o impacto do tempo e da memória que tenta resguardar o que passou, mas que se perde nos traços de evolução existencial de sua subjetividade, em detrimento de uma análise contínua da escrita durante a narração. Seja de forma manuscrita ou nas revisões em que Beauvoir usava sua “máquina de escrever”, hoje como uma técnica pretérita guardada como peça de museu e de arquivos de bibliotecas públicas, os *gestos* de memória não ultrapassavam a textualidade do corpo a corpo da escrita sobre a página do papel. Se hoje se toma a tecnologia como base para a edificação das formas de celeridade da escrita, para Beauvoir, nada parecia-lhe conformar-se a uma relação direta que haveria de substituir o elo entre viver, pensar e escrever.

Se atualmente nos permitimos deslocar nossas ideias aos campos e apoio da tecnologia, talvez tenhamos certo receio de não nos vermos diretamente na página especular do texto escrito. Vivemos numa época em que a escrita necessita do refinamento e formatação tecnológica para ser validada na imprensa, nos meios acadêmicos, nas redes sociais que liberam, contudo, espaço delimitado para o transitar das ideias. Possivelmente, sejamos todas prisioneiras da

formatação textual e não ousamos mais nos ver e confrontar com a profundidade da narrativa autoconstrutiva.

Nos escritos memorialísticos, Beauvoir anuncia a gradual constatação de seus sonhos, erros, lacunas, mas também reconhecimento do *outro*. Em *O Segundo sexo* surge uma análise profunda da alteridade do feminino na cultura e a forma como a sociedade patriarcal se impõe historicamente sob o signo das vicissitudes. Seus escritos são plenos de signos com sentidos paradoxais, mesclando a corporeidade e o ideal de liberdade situada, em que vida e morte, força e fraquezas se projetam em processo de entendimento e reconstrução conceitual do mundo; abrindo margens para expectativas até mesmo no século XXI, para que possamos cultivar modos de enfrentar a escrita da subjetividade entrelaçada ao mundo que nos cerca.

As feministas da Segunda Onda souberam travar diálogos implícitos e explícitos com as ideias de Beauvoir e criar relatos pessoais que se projetam na universalidade coletiva de mulheres em busca de uma referência própria. Devemos nos indagar se podemos ainda hoje contar umas com as outras, em prol de uma real sororidade, tal como Beauvoir se propunha a viver sua vida ao lado de outras vozes e figuras históricas na busca pela grande aventura de poder ser ela mesma.

Referências

ARMENGAUD, Françoise. Le matérialisme beauvoirien et la critique du naturalisme: une “rupture épistémologique inachevée?” In: DELPHY, Christine; CHAPERON, Sylvie (orgs). *Cinquantenaire du Deuxième sexe*. Paris: Syllepse, 2002, p. 23-32. (Collection Nouvelles Questions féministes).

AMÍCOLA, José. *Autobiografía como autofiguración*. Estrategias discursivas del Yo y cuestiones de género. Rosario: Beatriz Viterbo Editora; CINIG, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. *A Cerimônia do Adeus* (1981). Seguido de entrevistas com Jean-Paul Sartre. Agosto-setembro 1974. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira [1974] 1982.

BEAUVOIR, Simone de. *A Força das Coisas* (1963). Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira [1963] 2009.

BEAUVOIR, Simone de. *Balanço Final* (1971). Tradução de Rita Braga. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira [1971] 1982.

BEAUVOIR, Simone de. *Na força da Idade* (1960). v. I. Tradução de Sergio Milliet São Paulo; Difusão Europeia do Livro [1960] 1961.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo* (1949). v. I. Fatos e Mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo* (1949). v. II. A Experiência vivida. Tradução de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira [1949], 1980.

BEAUVOIR, Simone de. *Por uma Moral da Ambiguidade* (1947). Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BEAUVOIR, Simone de; HALIMI, Gisèle. *Djamila Boupacha* (1962). Paris: Gallimard, 2023.

CAGNOLATI, Antonella (Curadora). *La grande avventura di essere me stessa*. Una rilettura di Simone de Beauvoir. Roma: Aracne, 2010.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tadução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

GUSDORF, Georges. Condiciones y límites de la autobiografía. *Suplemento Anthropos*, N° 29. 1991. Disponível em: <https://ayciiunr.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/08/gusdorf-george-condiciones-y-lc3admites-de-la-autobiografc3ada.pdf>

HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga?* Tradução de Dion Davi Macedo. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

HANISH, Carol. "The Personal Is Political" In: FIRESTONE, Shulamith (Ed.). *Notes from the Second Year: Women's Liberation, New York: Women's Liberation Movement Print Culture*, 1970.

<https://repository.duke.edu/dc/wlmpc/wlmms01039>

ISER, Wolfgang. *El acto de ler*. Traducción de J. A. Gimbernát. Madrid: Taurus, 1987.

JEANSON, Francis. *Simone de Beauvoir ou l'Entreprise de vivre*. Paris: Seuil, 1966.

KAIL, Michel. *Beauvoir et Sartre*. Pour um materialisme féministe. Paris: Presses Universitaires de France, 2023.

KRUKS, Sonia. *Simone de Beauvoir and the Politics of Ambiguity*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. De Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Iês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG [1975] 2008.

POMPEJANO, Valeria. Introduzione. Una voce non-indifferente. In: CAGNOLATI, Antonella (curatora). *Una grande avventura di essere me stessa*. Una rilettura di Simone de Beauvoir. Roma: Aracne, 2010, p. 11-20.

SANTOS, Magda Guadalupe. Gestos de memória. In: BRUCK, Mozahir Salomão (Org.). *Dicionário da memória* [recurso eletrônico]: verbetes teóricos relacionados aos estudos da memória. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2025. p. 113-116.

SANTOS, Magda Guadalupe. Resenha crítica. Karen Vintges. *A New Dawn for the Second Sex*. Women's Freedom Practices in in World Perspective. Amsterdam University Press, 2017. *Virtuajus*. PUC Minas. Belo Horizonte, v. 13, n.1, p. 500-502, 1º sem. 2017.

Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/virtuajus/article/view/15814/15814-55844-1>

English version:

<https://periodicos.pucminas.br/virtuajus/article/view/15813/15813-55845-1>

SILVA, Maria de Fátima. *O segundo sexo*: Condição feminina sob o jugo da tradição. In: GIL, Isabel Capeloa; PIMENTEL, Manuel Cândido. Simone de Beauvoir: Olhares sobre a mulher e o feminino. Lisboa: Veja, 2010, p.85-98.

TARRANT, Shira. *When Sex Became Gender*. Routledge, 2006.

VASCONCELLOS, Eliane. Manuscritos literários e pesquisa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 20-24, out./dez. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/8548/6062>

VINTGES, Karen. *A New Dawn for the Second Sex*. Women's Freedom Practices in in World Perspective. Amsterdam University Press.